

FORMANDO DOCENTES ANTIRRACISTAS - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO UNIFESO EM TERESÓPOLIS/RJ

Renata Lia Ferreira da Silva ¹
Luan Felipe Xavier Gomes ²

RESUMO

O trabalho apresenta um relato de experiência a partir da docência das disciplinas “Bases Históricas e Sociológicas da Educação” e “Laboratório de práticas docentes: criança, cultura e ludicidade” para o curso de graduação em Pedagogia do Unifeso (Centro Universitário Serra dos Órgãos em Teresópolis, região serrana do Estado do Rio de Janeiro). O relato traz a perspectiva da construção das bases para a formação de educadores antirracistas, a partir de um currículo decolonial a apresentado pela ementa da disciplina de Bases e das propostas práticas de LPD, e enriquecido a partir da ação docente de educadores negros. Tendo como referencial teórico principal a obra “Como ser um educador antirracista” a prática docente se amplificou no fazer diário em sala de aula e para além dela. Tendo em vista que as disciplinas abarcam a proposta de potencializar estudantes impactados pelas interseccionalidades, raciais e socioeconômicas, a proposta das disciplinas é de potencializar educadores, por meio de práticas e vivências que venham a agregar epistemes às pessoas negras, promover saberes amplificados e valorizadores de suas origens e também por uma trajetória de empoderamento e conscientização de todos os estudantes do curso. Adotar as bases de uma educação que parte de uma visão decolonial e emancipatória à medida que abarca a todos nos lugares de protagonismo e potência.

Palavras-chave: Educação antirracista, Pedagogia, Formação de professores.

¹Docente do Curso de Pedagogia do Unifeso – Teresópolis/RJ, Mestre em Psicologia Clínica, Psicopedagoga, Pedagoga e Historiadora, renatalia@unifeso.edu.br ;

² Coordenador e Docente do Curso de Pedagogia do Unifeso – Teresópolis/RJ, Doutorando em Educação, Mestre em Educação, Pedagogo, luangomes@unifeso.edu.br ;



INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Pedagogia, espaço privilegiado para a formação inicial das professoras e professores, tem como premissa, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura (2006):

[...] docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, **étnico-raciais** e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (grifo dos autores) O presente trabalho se configura como um relato de experiência docente vivenciado no curso de graduação em Pedagogia do Unifeso (Centro Universitário Serra dos Órgãos), localizado em Teresópolis, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. A iniciativa surge da necessidade urgente de reconfigurar as bases da formação de professores em consonância com as demandas sociais contemporâneas e a legislação educacional vigente (Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11.645/08), que determinam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Diante do exposto, o curso de Pedagogia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO - Teresópolis/RJ) se propõe a ser um espaço de formação e discussões no sentido de formar docentes a partir de uma perspectiva potente e engajada. O plano pedagógico do curso traz, em seu escopo, disciplinas que se propõe a mostrar essa inclinação de maneira prática. As disciplinas selecionadas para este relato são: "Bases Históricas e Sociológicas da Educação" e "Laboratório de Práticas Docentes: Criança, Cultura e Ludicidade". O eixo central da proposta é a construção de um currículo e de práticas pedagógicas orientadas pela perspectiva antirracista e decolonial. Tal perspectiva visa não apenas incluir o tema da diversidade racial, mas sim dismantelar ativamente as estruturas de poder e conhecimento que sustentam o racismo na educação à medida que forma docentes capazes de discutir as temáticas em sala de aula. É a partir da valorização da multiculturalidade que as diferentes perspectivas são apresentadas e os alunos engajados num fazer docente múltiplo e enriquecedor:

“O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecerem as fronteiras estreitas que moldaram a forma como o conhecimento é compartilhado em sala de aula. Ele nos força a todos a reconhecer nossa cumplicidade em aceitar e perpetuar preconceitos de qualquer tipo.” (hooks, 2017)

As experiências descritas nesse relato, tem como ponto de reflexão o “currículo enquanto objeto de disputa”, ou seja, seu conjunto é marcado por diferentes embates e



concepções teóricas e epistemológicas em diferentes visões de sociedade. Segundo Apple (2006) o currículo é um instrumento de poder que reflete os interesses dos que são os ganhadores dessa disputa, e pode atuar tanto como um mecanismo de reprodução social, ao refletir as desigualdades estruturais, quanto como um espaço de resistência, ao se colocar como instrumento de ruptura.

Partindo dessa premissa como concepção e diretriz do curso de Pedagogia que propomos a docência a partir de referenciais teóricos e epistemológicos negros, de forma a articular uma reflexão crítica na formação docente, questionando o “eurocentrismo” tão predominante nos currículos escolares e cursos de formação de professores. A partir desse referencial ideológico, a instituição reafirma seu compromisso com a justiça social, racial, comprometendo-se com uma formação de professores territorial que verse sobre um espaço educativo equânime.

Para tal finalidade o referencial teórico, ancorado principalmente na obra "Como ser um educador antirracista" de Bárbara Carine (Pinheiro, 2023), foi amplificado pela atuação de educadores negros na composição do corpo docente do curso de graduação, transformando o fazer diário em sala de aula e para além dela. O objetivo principal deste relato é demonstrar como a ação docente pode potencializar a formação de educadores capazes de reconhecer e desconstruir o racismo, promovendo um ambiente de aprendizado que valoriza as epistemologias e as trajetórias de empoderamento e conscientização de todos os estudantes. Adotar as bases de uma educação que parte de uma visão decolonial e emancipatória é o caminho para abarcar a todos nos lugares de protagonismo e potência. Objetivando que esses futuros egressos sejam potentes para além de suas habilidades técnicas, mas que possuam também consciência de seu papel e fazer social e cidadão.

METODOLOGIA

O estudo adota a abordagem qualitativa sob a modalidade de relato de experiência. Este formato se apresenta com a finalidade de analisar e descrever uma prática pedagógica inovadora e contextualizada, permitindo uma reflexão crítica sobre a ação docente e seus impactos na formação discente. Desta forma o contexto da Pesquisa se dá a partir da experiência das disciplinas de "Bases Históricas e Sociológicas da



Educação" e "Laboratório de Práticas Docentes: Criança, Cultura e Ludicidade" no curso de Pedagogia do Unifeso. Tendo como base o relato de experiência, de forma a compreender a “experiência” como aquilo que “é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão, caracterizada em seus componentes” (BRETON; ALVES, 2021 p.3), ou seja, “que desperta o poder de conhecer” (MENEZES, 2021, p.10).

Sob esta ótica, o relato de experiência não se constitui o “relato” pelo “relato”, mas a identificação, diferenciação e associação crítica-reflexiva entre a experiência próxima e distante (GEERTZ, 2004), a partir dos atravessamentos formativos constituídos entre docentes e discentes ao longo das disciplinas. Esses espaços se constituem em um rico laboratório de pesquisa, que permite o exercício de reflexão e autoavaliação dos saberes constituídos ao longo dos encontros, bem como a capacidade de observar e avaliar como se dá o comportamento e construção dos saberes por parte dos discentes, entre o que esperado na ementa da disciplina e o vivido no cotidiano das aulas.

Nesse sentido, o contexto do curso, com estudantes de diferentes interseccionalidades, raciais e socioeconômicas, exigiu uma metodologia que priorizasse o diálogo, a reflexão crítica e a prática. A disciplina de Bases se encontra na grade do primeiro período do curso e apresenta fatores da história da educação no Brasil, bem como a perspectiva sociológica, a partir das quais os estudos de Sociologia da Educação se dão. Para que ao final a última unidade abra a discussão sobre multiculturalidade e Pedagogia Decolonial. Já a disciplina de Laboratório de Práticas Docentes (LPD): Criança, Cultura e Ludicidade aporta a necessidade da Pedagogia do Brincar como base de aprendizagem e desenvolvimento na infância, com o viés da produção cultural na infância e potencialização de tradições.

Assim, o procedimento desta revisão e inserção por meio da curricularização das pautas se faz presente. A análise das ementas das disciplinas para identificar pontos de inflexão e adequação à perspectiva antirracista e decolonial foi um ponto de destaque. Para tal, a escolha do referencial teórico, que embasa essa execução, se dá por meio da seleção e aprofundamento em autores negros e em teoria antirracista, com destaque para Bárbara Carine, Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Cida Bento, Angela Davis e Conceição Evaristo.



Nesta perspectiva é possível elencar o desenvolvimento das ações como estratégias pedagógicas nas duas disciplinas, através de leitura e debate de obras centrais do pensamento negro-brasileiro e afro-diaspórico, bem como análise crítica de materiais didáticos e práticas escolares a partir do viés apresentado. O que se desdobra ainda no desenvolvimento de projetos práticos e lúdicos em LPD, voltados à valorização das culturas africanas e afro-brasileiras na infância. O registro e análise das práticas se dá através de coleta de dados por meio de anotações da prática docente, trabalhos e relatos dos estudantes, e reflexões críticas sobre os resultados da formação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação do pensamento para a relação do arcabouço teórico se deu por meio da escolha de obras disponíveis da biblioteca do UNIFESO, no setor Pluralidades (que contempla obras de autores e autoras negros e negras, indígenas, pessoas com deficiência e população da comunidade LGBTQIAPN+). A construção da formação antirracista está alicerçada em um conjunto de teóricas e teóricos negros que questionam o modelo de sociedade e de educação eurocêntrico e colonial. Oferecendo base para os estudos e práticas da proposta de Pedagogia Decolonial.

Quadro 1 - Referencial Teórico

Autora/Autor	Teoria/Conceito Central que aborda correlacionada com a temática	Contribuição para o trabalho e análise proposta
Bárbara Carine	Educação Antirracista; Currículo Decolonial	Base para a prática docente, orientando a desnaturalização das estruturas racistas na escola e a construção de um saber que valoriza a história e as epistemologias negras, a partir de uma perspectiva positivada da população negra.
Djamila Ribeiro	Lugar de Fala; Racismo Estrutural	Contribui para a compreensão de como o racismo estrutura as relações sociais e educativas, e a importância de estudantes e educadores negros ocuparem a posição de sujeitos produtores de conhecimento e



		a busca por outros lugares e posições na sociedade.
Nilma Lino Gomes	Movimento Negro e Educação; Ações Afirmativas	Evidencia a centralidade da luta do movimento negro para a superação do racismo na educação e a necessidade de políticas de igualdade racial no ambiente acadêmico, embasando a potencialidade do crescimento individual.
Bell hooks	Educação como Prática da Liberdade; Engajamento	Inspira uma pedagogia engajada, que conecta a teoria à prática, e defende que a sala de aula seja um espaço de transgressão e conscientização, onde o amor (enquanto ética) se articula à luta antirracista e o papel docente nesta trajetória.
Cida Bento	Pacto da Branquitude; Relações Raciais e Trabalho	Ajuda a analisar a manutenção do racismo no sistema educacional e a cumplicidade, consciente ou inconsciente, da branquitude na reprodução das desigualdades e no monopólio dos espaços de poder. Bem como embasa a compreensão do racismo estrutural.
Angela Davis	Abolicionismo e Interseccionalidade	Fundamenta a visão de que o antirracismo é inseparável da luta por uma sociedade mais justa (abolicionismo penal e social), e a importância de analisar a opressão a partir da interconexão entre raça, classe e gênero. A análise e apropriação das interseccionalidades para rompimento com as bases do preconceito.
Conceição Evaristo	Escrevivência	Valoriza a produção de conhecimento a partir da experiência da mulher negra, inspirando o uso da narrativa e da experiência vivida dos estudantes como fonte legítima de saber e resistência. Trazendo o olhar da poesia para o engajamento na luta antirracista.

Fonte: levantamento bibliográfico realizado pelos autores (Bento, 2023; Davis, 2016; Evaristo, 2016; Gomes 2005 e 2017; Pinheiro, 2023 e Ribeiro, 2019).



Para além dos autores e autoras que servem como base teórica, há a utilização de livros de literatura infanto-juvenil, que compõem o acervo da biblioteca do UNIFESO, nas estantes do curso de Pedagogia e são utilizados nas atividades práticas com os estudantes.

Quadro 2 - Livros de Literatura Infanto-Juvenil

Livro	Autor (es)	Editora
A menina que não sabia que era bonita	Maíra Azevedo e Priscila de Vasconcelos	Malê
Abaré	Graça Lima	Paulus
Abayomi - a menina de tranças	Aniete Abreu	Hanoi Kids
Amor de cabelo	Matthew A. Cherry	Galerinha
Amoras	Emicida	Cia das Letrinhas
Caderno de rima de João	Lazaro Ramos e Mauricio Negro	Pallas
Chapeuzinho verde	Maria Lucia Takua Peres	Leiturinha
Chuva, gente!	Cristino Wapichana	Leiturinha
Da minha janela	Otávio Júnior	Cia das Letrinhas
De passinho em passinho - um livro para dançar e sonhar	Otávio Júnior	Cia das Letrinhas
Edith e a velha sentada	Lazaro Ramos e Mauricio Negro	Pallas
Educando crianças antirracistas	Bárbara Carine Soares Pinheiro	Outro Planeta
Flechinha - o príncipe da floresta	Kenia Maria	malê
Foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas	Emicida	Cia das Letrinhas
História pretinha das coisas	Bárbara Carine Soares Pinheiro	LF Editorial
Infância na aldeia	Márcia Wayna Kambeba	Ciranda na escola
Meu crespo é de rainha	bell hooks	Boitatá
Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda	Sonia Rosa	Pequena zahar
Noçoquém - a floresta encantada	Tiago Hakiy	Edebê



O caso do Baile quase perdido	Carla de Farias	Malê
O menino coração de tambor	Nilma Lino Gomes	Maza
O mundo no black power de Tayó	Kiusam de Oliveira	Peirópolis
O pequeno príncipe preto	Rodrigo França	Nova Frontera
Sejam todos feministas - versão adaptada para jovens	Chimamanda Ngozi Adichie	Cia das Letrinhas
Siara descobre a África gráfica	Edna Ande Sueli Lemos	Edebê
Sulwe	Lupita Nyong'o	Rocquinho
Tuiupé e o marcá mágico	Auritha Tabajara	Cia das Letrinhas
Um curimim, uma canoa	Yamã Yaguarê	Zit
Um mistério para Januária	Karina Almeida e Cristiano Gouveia	Leiturinha
Vovô Mandela	Zazi Mandela, Ziwelene Mandela	V & R

Essa base teórica e literária permitiu a construção de um currículo decolonial que questiona a universalidade do saber eurocêntrico e promove a inserção de epistemologias africanas e afro-brasileiras, em um movimento de ressignificação da formação docente. Trazendo bases e possibilidades para que os alunos se formem a partir da execução de propostas de atividades decoloniais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Munanga (1999), o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural. Para Gomes (2005) é “a distinção, diferenciação, sendo considerada como a prática do racismo”. É produto direto do preconceito, o racismo como um comportamento relacionado ao ódio em relação às pessoas que possuem pertencimento racial observável por meio da cor do cabelo e cor de pele, por exemplo.

Partindo dessas reflexões, as instituições de ensino superior, responsáveis pela formação inicial de professores e professoras da educação básica, representam uma



articulação fundamental na sociedade atual. Nas relações cotidianas dos pares na escola, esse espaço torna-se palco de disputas e contradições. Com isso, a atuação docente torna-se peça fundamental na desconstrução de práticas cristalizadas marcadas pela sociedade estrutural.

Nessa medida o docente como parte integrante da instituição escolar é um ator fundamental no combate ao racismo, preconceito discriminação racial que seja reproduzida no espaço da escola. De acordo com Brasil (2004):

[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfiças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (BRASIL, 2004)

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, é ressaltada a importância da instituição escolar no processo de formação para emancipação de sujeitos no combate ao racismo. Partindo desse pressuposto normativo, destaca-se a importância da formação de professores em contexto inicial, no fortalecimento de práticas antirracistas, tendo como premissa uma educação que valoriza e reconhece a diversidade sociocultural, democrática e equânime.

Outro dispositivo legal que fortalece as práticas no contexto na educação básica e se faz necessário no diálogo com a formação inicial, é a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, representando um marco histórico e social, destacando as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na formação nacional. A partir das experiências na construção das propostas nas aulas, foi possível observar no campo formativo a ampliação do repertório racial e social por parte dos estudantes, que ao longo dos encontros problematizaram suas questões e posições na sociedade e no cotidiano das escolas.



Nesse sentido, é possível elencar mais um destaque: a relação de pertencimento dos estudantes negros, que se posicionaram em relação aos sentimentos, questões de suas trajetórias e do reconhecimento do racismo como estrutural e como a questão perpassa a estrutura da escola e suas dimensões pedagógicas. Esse sentimento destacado pelos estudantes negros durante os encontros, trouxe o empoderamento e fortalecimento das práticas durante as aulas, bem como a confiança para a construção de práticas pedagógicas antirracistas nos espaços escolares de estágio.

Dando seguimento a esse entendimento, é possível inferir que os resultados do relato de experiência apontam para uma formação de qualidade no curso de Pedagogia, a partir da perspectiva antirracista, que se manifesta em três eixos centrais: (I) Conscientização, (II) Protagonismo, e (III) Educação emancipatória.

(I) Desconstrução do "Pacto da Branquitude" e Conscientização: a partir dos debates sobre trechos de "Pacto da Branquitude" (Bento, 2023), observou-se uma intensa reflexão entre os estudantes, sobre o seu papel na manutenção das estruturas racistas. Na disciplina de Bases Históricas e Sociológicas da Educação, as reflexões trazidas pelos vídeos e obras de Bárbara Carine (Pinheiro, 2023) desafiaram os futuros educadores a reconhecerem a atuação do racismo estrutural na escola. Essa conscientização é o primeiro passo para o fazer antirracista, que exige a desnaturalização dos privilégios e a consciência de uma postura de responsabilidade no combate às desigualdades raciais, conforme sugerido por Djamila (Ribeiro, 2019) ao discutir o "Lugar de Fala" e a responsabilização dos não-negros.

(II) Protagonismo negro e empoderamento: as disciplinas promoveram reflexões acerca do protagonismo de estudantes negros, trazendo discussões através da leitura de livros infanto juvenis no ambiente de sala de aula. Com base nas "escrevivências" (Evaristo, 2016) para a contribuição da discussão, as experiências de vida dos estudantes negros passaram a ser fontes de saber, contrariando a lógica colonial que historicamente as inferiorizou. O uso do referencial de Nilma Lino Gomes (Gomes, 2005 e 2017) sobre a luta do Movimento Negro permitiu que as discussões com os estudantes venham no sentido de reconhecer a importância da ancestralidade e da história como força política e epistemológica. O papel do educador negro na docência das duas disciplinas foi crucial, agindo como espelho e inspiração para a construção



dessa nova subjetividade, em um movimento de empoderamento e valorização da identidade.

(III) Educação emancipatória e prática de liberdade: ao final da disciplina de Bases Históricas e Sociológicas da Educação e no Laboratório de Práticas Docentes, a teoria se traduziu em ação concreta. Inspirados por bell hooks (hooks, 2017) e sua "Educação como Prática da Liberdade", os estudantes desenvolveram projetos lúdicos, apresentações e materiais didáticos que celebravam as culturas africanas e afro-brasileiras e dos povos originários, garantindo que o direito à visibilidade e humanidade fosse respeitado desde a infância. A proposta de um currículo decolonial buscou formar educadores que não apenas cumprem a lei, mas que transformam a escola em um espaço de luta, não apenas nas datas festivas, mas durante todo o ano letivo. A discussão com base nos escritos de Angela Davis (2016) reforçou a ideia de que a educação antirracista está intrinsecamente ligada à luta por uma sociedade radicalmente justa, onde a educação é vista como um instrumento de transformação social, e não de reprodução da lógica capitalista e racista.

Com isso, as propostas em destaque no Unifeso, coadunam o documento de Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais destaca seis necessidades formativas: “[...] capacitar os(as) profissionais da educação para, em seu fazer pedagógico, construir novas relações étnico-raciais; reconhecer e alterar atitudes racistas em qualquer veículo didático-pedagógico; lidar positivamente com a diversidade étnico-racial”(BRASIL, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências aqui expressas permitiram compreender a importância da formação de educadores antirracistas, essa abordagem não é só concebida com conteúdos, mas a partir de práticas que de fato evidenciem e reconheçam os saberes produzidos pelos sujeitos historicamente silenciados. Pensar em uma educação decolonial é um ato de resistência e de “esperançar” (Freire, 1992). Nesse sentido, nossa formação busca reconhecer o conhecimento como diverso e plural, e a instituição escolar como um espaço de ressignificação, onde a partir dos processos significativos de aprendizagem os futuros docentes possam ressignificar seu olhar para a sociedade.



Nesse contexto, o trabalho proposto ao longo da disciplina, demonstrou as possibilidades de reconfiguração do currículo a partir de referencial teórico negro/negra, reconhecendo a potência dessa ciência e criando condições e empoderamento para que os estudantes reconheçam a docência como espaço de transformação social. A experiência no Unifeso sublinha que a luta antirracista na educação vai além da inclusão temática; ele exige uma revisão profunda e corajosa das estruturas curriculares e das práticas em sala de aula. Os resultados sugerem que a formação de educadores que compreendem o racismo estrutural e agem ativamente para desmantelá-lo é o caminho para o avanço de uma sociedade mais justa e equânime. O desafio agora reside na expansão e institucionalização dessa prática pedagógica para todos os componentes curriculares do curso, e que o relato dessa experiência leve a iniciativa para outros cursos de formação docente pelo país.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. CARINE, Bárbara. Como ser um educador antirracista: para familiares e professores. São Paulo: Planeta, 2023.

BRASIL. Parecer N° 003, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, [2004b]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf

BRASIL. BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003

BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010

BRETON, H.; ALVES, C. A. A narração da experiência vivida face ao “problema difícil” da experiência: entre memória passiva e historicidade. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v.17, n. 44, p. 1-14, jan./mar., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8013/5526>.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal n. 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 3962, 2005

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.



MUNANGA, Kabengele . Negritude: Usos e Sentidos, 2^a ed. São Paulo: Ática, 1988
_____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista: Para familiares e professores-Vencedor do Prêmio Jabuti 2024. Planeta, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

